

O analfabetismo motor ameaça nossas crianças

Amauri A. Bássoli de Oliveira

A inatividade motora das crianças hoje em dia é cada vez maior, a exemplo do que acontece com o mundo adulto. O sedentarismo dos adultos tem levado grande número de crianças ao mesmo vício, o da “imobilidade”. Podemos perguntar, quantas crianças sabem subir em árvores hoje em dia? E também responder: um número bem menor do que há anos atrás, com toda certeza.

O mundo moderno tem levado ao que chamamos de “analfabetismo motor”. E onde é que podemos detectar esse fato? No dia-a-dia de nossas crianças que, a cada novo ano, reduzem o tempo livre e as opções de atividades lúdicas livres. São inúmeros os fatores que levam a esse abandono, que vão desde a insegurança em se deixar as crianças livres nas ruas, como em tempos passados, até as exigências intelectuais que se tem no mundo moderno.



Hoje, exige-se muito mais das crianças no processo educacional do que tempos anteriores. As obrigações com a escola e os seus afazeres cresceram muito. Além dessas obrigações da escola formal, elas têm que dispor de tempo para o curso de línguas, o reforço em matérias específicas, o curso de música e para tantas outras atividades. Com isso, aquele tempo livre acaba sendo reduzido a um pequeno final de tarde, onde poucas ações motoras livres podem ser executadas, treinadas naturalmente e vivenciadas em sua plenitude lúdica.

Nossas crianças já não possuem, em sua grande maioria, a chance de fazer aquelas guerras de barro, brincar de salva, rodar o peão, soltar pipas, jogar futebol descalço na terra, jogar burquina, pular corda e tantas outras atividades que contribuem para o enriquecimento do mundo motor. Entretanto, sabem muito bem navegar na internet, as músicas das Chiquititas, as palhaçadas do Faustão, da Angélica e tantas outras coisas que nem imaginávamos quando crianças. Claro, é uma outra época, um outro momento, outros interesses e outras necessidades.

Nossas crianças não podem e nem devem ser como fomos. Elas devem ser como são e no seu momento histórico. O que não podemos aceitar é o fato de estarmos contribuindo como algo que sabidamente irá prejudicá-las em futuro próximo. Não é preciso bola

O que não podemos aceitar é o fato de estarmos contribuindo com algo que sabidamente irá prejudicá-las em futuro próximo.

de cristal para saber se essa inatividade a que estamos forçando as crianças de hoje, será prejudicial. Uma criança que não tem a chance de vivências positivas e enriquecedoras no mundo motor terá suas chances futuras, dentro desse domínio, substancialmente limitadas.

E onde é que esse processo pode ser revertido? Sem sombra de dúvidas, na escola. Mais especificamente nas aulas de Educação Física. Entretanto, esse espaço formativo está cada vez mais limitado também na escola. Das três aulas que as crianças tinham, passaram a ter duas e, em alguns casos, uma aula semanal. No segundo grau, existe a perspectiva de que venha a ser extinta para a terceira série.

A Educação Física Escolar ainda é uma das atrações da esco-

la para as crianças. Com essa redução, além de se estar prejudicando o desenvolvimento normal de nossas crianças, está-se tornando a escola um local de referência triste e desmotivante. Não que as demais disciplinas sejam assim, mas se fazem dessa forma. Basta realizar uma pequena entrevista e verificar o quanto as crianças valorizam esse momento de atividade motora e de formação social.

Porém, e infelizmente, por uma série de fatores que vão desde o econômico até a ausência de projetos pedagógicos sérios e comprometidos com o desenvol-





“**Hoje o que manda é a capacidade cognitiva e a condição de domínios motores mínimos (apertar botões).**”

vimento integral de nossas crianças, jovens e adolescentes, esse espaço pedagógico da Educação Física tem sido reduzido ano a ano. Existe aqui uma falta de consistência acadêmica do profissional da área, assim como uma resistência das direções em exigir projetos que se justifiquem pedagogicamente objetivando oportunizar aos alunos esses momentos prazerosos e formativos.

Com isso, nossas crianças acabam sofrendo com uma formação que promete ser deficitária e incompleta, pois serão consideradas e formadas nos aspectos cognitivo e afetivo. O aspecto motor fica

a critério das condições dos pais em pagar uma academia ou um personal trainer. Para o futuro fica a critério dos pais contratar um fisioterapeuta para trabalhar desvios posturais e outros problemas advindos da inatividade motora.

A Educação Física Escolar deveria estar no roteiro de exigências dos pais em relação às escolas que escolhem para os filhos. Essa disciplina deveria possuir a condição de obrigatoriedade por parte dos pais e não por força de Lei. Ela é componente curricular para o ensino básico (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio). Porém, a carga horária a ser destinada é dependente do projeto pedagógico das escolas individualmente.

Se depender da vontade política e/ou do interesse governamental, podemos esquecer. O domínio

motor e a condição física já não se enquadram mais nas necessidades governamentais. Hoje o que manda é a capacidade cognitiva e a condição de domínios motores mínimos (apertar botões). Essa visão burocrática ignora que a inatividade motora contribui com o aumento de frequentadores dos postos de saúde e, conseqüentemente, com os gastos em saúde. O que vale é o momento econômico e não o momento do povo, do social e da condição de vida saudável.

Nessa constatação, podemos perguntar, como trabalhar o cérebro e negar o corpo? Essa incoerência tem que ser banida. Nós somos corpo, mente e espírito. Não somos apenas corpo, não somos apenas mente e nem tampouco somente espírito. Em momentos estancados até podemos considerá-los separadamente a fim de uma melhor otimização de tarefas específicas, mas não no todo. Somos unos e, portanto, devemos considerar nossas formações também em seu todo.

Chamo a atenção justamente para essa preocupação que os pais devem ter em relação às escolas que escolhem para seus filhos: a necessidade premente de exigirem que se ofereçam nas escolas oportunidades de trabalho e formação motora através da disciplina de Educação Física. Com essa pequena preocupação poderemos contribuir com a minimização do “analfabetismo motor” de nossas crianças, jovens e adolescentes.

